

AMCIS2015 Puerto Rico

Aprendizagem organizacional e o uso estratégico da informação contábil na captação de recursos

Full papers

Lieda Amaral de Souza

Universidade do Minho
lieda@dsi.uminho.pt

Isabel Ramos

Universidade do Minho
iramos@uminho.pt

Josevaldo Sousa

Universidade Potiguar
josevaldo@unp.br

Rodrigo Leone

Universidade Potiguar-UnP
rodrigo.leone@gestorfp.com.br

José Esteves

IE Business School
jose.esteves@ie.edu

Resumo

As EPPs enfrentam dificuldades no acesso ao financiamento externo advindo em grande parte da fragilidade das informações financeiras. Este estudo buscou analisar se na visão dos contabilistas a aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis influenciam na qualidade da captação de crédito pelas EPPs e observar até que ponto a capacidade de aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis podem interferir na qualidade da captação de recursos pelas referidas empresas. Os dados coletados em 126 escritórios de contabilidade e foram analisados com a técnica de análise de correlação canônica, considerando os dados originais observados, para estudar as associações existentes entre um grupo inicial de características da Aprendizagem Organizacional e Uso Estratégico da Informação Contábil com um segundo grupo formado pelas características da Qualidade do Crédito. Os resultados revelam que tanto uso estratégico da informação contábil quanto a aprendizagem organizacional influencia na qualidade do crédito captado.

Palavras-chave: Aprendizagem Organizacional. Sistema de Informações contábeis. Concessão de crédito.

Introdução

Apesar da relevante participação na economia, empresas de pequeno porte (EPPs), sofrem com a carência de planejamento, organização e controle de suas atividades para atingirem os resultados almejados. Falta-lhes a transparência e o conhecimento necessário à divulgação de informações essenciais que as permitam alinhar e transmitir sua estratégia de negócio aos *stakeholders* de um modo geral. Uma constante preocupação presente na gestão das Empresas de Pequeno Porte (EPPs) relaciona-se à dificuldade em escolher quais informações contábeis são relevantes para as decisões relacionadas às estratégias de captação de recursos financeiros para financiamento de seu capital de giro. Neste estudo, adotou-se para definição de EPPs os critérios estabelecidos pela lei complementar 123/2006.

Fatores como a existência de regras informais baseadas em relações de confiança, tais como a reputação, laços geográficos ou familiares também podem influenciar significativamente a decisão de concessão de financiamento das pequenas empresas (Ji, 2009). Em alguns casos os empresários optam por maneiras indiretas de aumentar as chances de financiamento nessa modalidade realizando a captação de crédito em nome dos sócios da empresa, voltado ao investimento no negócio (Schmitt Jr, 2002). O crédito, que faz movimentar a empresa e desenvolvê-la, tem importante papel na acumulação de capital e possui uma importância fundamental para a sobrevivência, para a manutenção das atividades e principalmente para o aprimoramento da capacidade gerencial, entretanto, grande parte dos gestores das EPPs desenvolvem práticas gerenciais inadequadas agravando sua incapacidade para obter recursos para investimentos (Lucato; Viera Jr, 2006).

Nota-se que as dificuldades enfrentadas pelas EPP no acesso a financiamento externo advêm em parte das suas fragilidades financeiras e da transparência legal de informação que transmite aos financiadores. O perfil do empresário e a sua trajetória no exercício da atividade empresarial associado a sua reputação e idoneidade surgem como os determinantes mais importantes da decisão de crédito (Xu; Li; Liu, 2009). Adicionalmente, pesquisas recentes sobre a qualidade da informação contábil encontraram correlação positiva entre a evidenciação das informações contábeis e a eficiência da governança corporativa, isto é, as empresas com boas práticas de governança corporativa divulgam informações contábeis com qualidade superior (Xu; Li; Liu, 2009; Holder-Webb; Sharma, 2010; Anjos et al, 2012).

O objetivo deste estudo consiste em analisar se na visão dos contabilistas a aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis como influenciadores na qualidade da captação de crédito pelas Empresas de Pequeno de acordo com a percepção dos contabilistas. A principal motivação dessa pesquisa é de caráter econômico, posto que um dos grandes problemas enfrentados pelos pequenos empresários é definir uma estratégia de captação de recursos financeiros que os torne mais competitivos e simultaneamente contribua para uma maior segurança aos analistas de crédito. O estudo também justifica pela escassez de literatura acerca do tema e também pelo pequeno número de estudos empíricos voltados ao uso estratégico das informações contábeis pelas EPPs. Acredita-se que a identificação de práticas compatíveis com a realidade das EPPs poderá indicar novos caminhos e experiências que promoveram o seu melhor desempenho na busca por captação de recursos financeiros para financiamento de seu capital de giro.

As EPPs, no Brasil, possuem características que as qualificam como organizações empresariais predominantemente familiares, com pequeno número de funcionários, e geridas por seus próprios proprietários. É senso comum no meio acadêmico e empresarial que o ambiente informacional das EPPs destina-se à geração de informação com viés fiscal em detrimento da informação como valor estratégico. Entretanto, Galloro e Galloro (2000) alertam que um bom sistema de informação contábil deve gerar relatórios flexíveis o suficiente de forma a permitir o tratamento das informações de natureza repetitiva com o “máximo possível de relevância e o mínimo de custo” (p.59) de forma a atender as necessidades dos gestores da empresa.

Aprendizagem organizacional e uso estratégico dos sistemas de informações contábeis

Uma preocupação comum às empresas é saber a sua capacidade de geração de lucros, ou seja, que retorno o empresário está obtendo sobre seus investimentos. Alterações do mercado, a incorporação de novas tecnologias no trabalho e o desejo de autodesenvolvimento são alguns dos fatores que motivam as pessoas adultas a aprenderem e a se desenvolverem no ambiente do trabalho (Scorsolini-Comin; Inocente; Miura, 2011). As micro e pequenas empresas, de acordo com os estudos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2011), representam 99% das empresas brasileiras e geram cerca de 60% dos empregos. Tais empresas caracterizam-se pela necessidade de relacionarem-se de forma intensiva com seus clientes, consumidores em geral, instituições financeiras, canais de comercialização, dentre outros órgãos de intervenção. Vivem num ambiente constante de aprendizagem em redes. Construindo relacionamentos e usando suas próprias relações pessoais para construção de novas relações contratuais. Esses aspectos mencionados quando associados às demais características das EPPs, tais como autonomia, direção do proprietário e dependência dos consumidores constituem por si só as bases de uma aprendizagem empresarial (Gibb, 1997)

Em estudo realizado com 316 micro e pequenas empresas paulistas realizado pelo Sindicato da Micro e Pequena Indústria de São Paulo (SIMPI), observou-se que, quando perguntadas sobre: “quando precisa ter acesso a mais capital de giro a qual fontes você costuma recorrer com mais frequência”. 37% afirmaram que recorrem a linhas de crédito para pessoa jurídica porém cerca de 40% dos pequenos empresários responderam que recorrem ao empréstimo pessoal no banco (empréstimo para pessoa física), com a finalidade de aplicar em sua empresa (Simpí, 2014). As demonstrações contábeis contêm importantes informações sobre os resultados operacionais e a posição financeira de uma empresa.

Alguns pesquisadores têm voltado suas pesquisas recentes ao tema da aprendizagem organizacional sob uma perspectiva da Psicologia Organizacional e sua influência no desempenho das instituições pesquisadas (Abbad; Corrêa; Meneses, 2010; Antonello; Godoy, 2010; Reis; Nakata; Dutra, 2010). Existem duas abordagens predominantes para o estudo da aprendizagem nas organizações: a aprendizagem organizacional e a organização que aprende (Mininni-Medina; Luzzi; Luswarghi, 2000). Há uma tendência emergente na literatura de aprendizagem organizacional denominada Perspectiva da Estratégia/Gerencial. Neste contexto, aprendizagem “não somente significa que uma organização aprende, mas deve aprender mais rapidamente que outras” (Antonello, Godoy, 2010). Senge (2000) acredita que as organizações do futuro serão aquelas que descobrirem como fazer com que as pessoas se comprometam e queiram efetivamente aprender, desde os patamares inferiores (chão de fábrica) até o alto escalão da gerência. Garvin (1993), considera que as organizações aprendem quando são aptas a criar, adquirir e transferir conhecimentos e modificar seus respectivos comportamentos; tornando-se capacitadas a refletir sobre os novos conhecimentos e evidencia as cinco principais habilidades das organizações que aprendem. São elas resolver problemas sistematicamente, geralmente apoiados em ferramentas estatísticas e da qualidade apoiadas em dados reais; experimentação, pesquisando e testando novos conhecimentos; aprendizagem através das experiências passadas, baseando-se no valor do erro produtivo ao invés do sucesso improdutivo; aprendizagem através do Benchmarking, ou seja, da experiência e das melhores práticas de outros e concluindo, e transferência de conhecimento.

Bruns e Fletcher (2008), ao analisarem as possíveis fontes de acesso ao crédito típicas das EPPs destacam fatores os quais podem ser considerados empecilhos ao acesso às linhas de crédito por parte destas. Tais como grau de aprendizado organizacional do gestor traduzido em sua experiência gerencial, o conhecimento em gestão financeira de negócios e de projetos e ao seu nível educacional. E chama atenção que o grau de evidenciação e transparência das informações financeiras, em particular quanto a capacidade de pagamento, também pode ser uma barreira à obtenção de fundos. Barcelos (2002) observou relatórios de 9.779 empresas abertas e fechadas do setor produtivo, no período compreendido entre os anos 1994 e 1998 e verificou que pelo fato de ter um maior grau de transparência nas informações contábeis era concedido maior acesso às linhas de créditos às empresas abertas, como reflexo da obrigação de publicar e auditar suas demonstrações contábeis.

Corroborando esse entendimento, Allee e Yohn (2009) acreditam que para a concessão de crédito ser baseada nas demonstrações contábeis depende da “força dos relatórios” apresentados. No entanto, Silva Brito e Martins (2013), acreditam que devido ao ambiente institucional brasileiro onde as autoridades tributárias ocupam um papel relevante, as demonstrações contábeis não contêm atributos qualitativos suficientes para o seu emprego como estratégia na captação de recursos. Ainda assim, alguns estudos explicam que a qualidade da informação contábil varia entre as empresas principalmente devido ao grau de dependência do mercado de capital diante de outras fontes de financiamento das atividades empresariais (Bushman; Smith, 2001).

Choi e Meek (2010) apontam que nos países onde a principal fonte de captação de recursos das empresas é o mercado de crédito, as informações contábeis são direcionadas para proteção do credor. No Brasil, a legislação tem evoluído no sentido de tornar as informações cada vez mais transparentes. A partir da promulgação da Lei 11.638, de 28 de dezembro de 2007, o Brasil aderiu às normas internacionais de contabilidade e entrou em um processo de harmonização e convergência dos seus normativos contábeis às práticas internacionais. Tal decisão partiu do pressuposto que a oferta de crédito é um dos principais fatores para o desenvolvimento e crescimento sustentado. Nesse sentido, o Comitê de Pronunciamentos Contábeis (CPC) emitiu uma série de normativos, dentre os quais o Pronunciamento Conceitual Básico – R1 (2011) deixando claro que o principal objetivo das demonstrações contábeis-financeira é facilitar a análise por parte dos investidores e aos concessionários de créditos às empresas.

Estudo realizado em Minas Gerais evidenciou que as EPPs não utilizam as demonstrações financeiras produzidas pela contabilidade, dentre outros motivos por estas não retratar a realidade (Costa; Yoshitake, 2004). Preocupados com essa realidade os órgãos reguladores vem constantemente cobrando dos profissionais da contabilidade uma postura proativa no sentido de dotar as demonstrações contábeis de atributos qualitativos que as tornem realmente úteis aos tomadores de decisão. Adicionalmente, alguns estudos se reportam à qualidade das informações contábeis em suas variadas dimensões (Giroux, 2004; Burgstahler; Smith, 2006; Burgstahler; Hai; Leuz, 2006) e a possibilidade de manipulação das mesmas, tendo como alvo a captação de créditos para financiamento das atividades empresariais (Giroux, 2004).

Empiricamente, tem sido demonstrado que o contabilista possui a habilidade de atribuir significado à gestão financeira e pode facilitar o acesso às linhas de crédito de quaisquer organizações (Breen; Sculli; Calvert, 2003). Mas os pequenos empresários, em sua grande maioria, desconhecem quais os tipos de informações poderiam ser produzidos por seus contadores (Breen; Sculli; Calvert, 2003). A pesquisa de Sthoerer e Freitas (2008) evidencia o problema e atribuindo em parte a responsabilidade de tal desconhecimento aos próprios contadores que além de desconhecerem qual a necessidade de informação por parte de seus clientes, também não traduziam as informações produzidas em uma linguagem de fácil acesso aos usuários destas.

Evidenciou-se ainda que muitas vezes dificuldades de ordem semântica podem se manifestar à medida que os termos e expressões utilizados nos relatórios contábeis possuem na origem um significado distinto daquele que é cotidianamente usado pelos respectivos destinatários (Dias Filho; Nakagawa, 2001). Tanto a experiência dos gestores quanto a qualidade das informações contábeis podem ser influenciadores na decisão de concessão de acesso às linhas de financiamento. Recentes estudos acerca das práticas bancárias ao redor do mundo têm demonstrado que as informações contábeis fornecem as bases para avaliar as PME para fins de disponibilização de acesso ao crédito por parte destas (Ohachosim, 2009).

Estratégias de Captação de Recursos e Qualidade do Crédito

Geralmente pesquisadores de captação de recursos direcionam seus estudos para estratégias de arrecadação de recursos financeiros para uma causa do terceiro setor (Riscarolli, 2007). Neste estudo adoutou-se o termo estratégias de captação de recursos como sendo a construção de relações institucionais com potenciais investidores ou financiadores. É importante para as EPPs entender quais informações financeiras o seu financiador irá rever ao processar seu pedido de financiamento. E grande parte dos obstáculos à obtenção de créditos advém das fragilidades inerentes ao próprio porte das empresas e também da carência de conhecimento gerencial por parte de seus proprietários (Mason; Kwok, 2010; Hughes, 2009; Bruns; Fletcher, 2008; North; Baldock; Ekanem, 2010). Neste contexto, a qualidade do crédito do ponto de vista do financiador está diretamente ligada a capacidade de pagar juros sobre o vínculo pactuado de forma tempestiva. Quanto menor a qualidade de crédito de um emissor, maior o risco que os investidores não receberão a taxa de juros e maior o risco de inadimplência no principal (Caouette; Altman; Narayanan, 2000).

O grau de maturidade do negócio também pode ser considerado uma variável crítica na análise da concessão de crédito. Os órgãos governamentais, por sua vez, fomentam a capacitação em negócios como fator de acesso às fontes de financiamentos (Ocde, 2006; Klonowski, 2011). Caouette, Altman e Narayanan (2000) advogam que geralmente, são adotadas informações contábeis no momento da análise de crédito. Scott e Irwin (2009) em pesquisa realizada junto a 400 EPP clientes do Banco *Barclay* identificaram fatores tais como nível educacional do gestor, como barreira à obtenção de crédito pelas EPP. Portanto, a aprendizagem organizacional caracteriza-se como uma fonte de vantagem competitiva e, como consequência, influencia na qualidade do crédito obtido.

Outro importante constructo identificado neste estudo foi o uso estratégico das informações contábeis e trata da parte quantificável e verificável da análise do crédito, que consiste no levantamento da situação econômico financeira da empresa baseada em suas informações contábeis (Schrikel, 2000). É um ponto de constante preocupação entre os pesquisadores observar se a Contabilidade vem cumprindo seu papel informacional e atendendo às necessidades de seus usuários.

A qualidade do crédito captado assume importância à medida que apesar de contínuas quedas das taxas de juros, as EPP ainda não sentiram reflexos em suas transações bancárias, tendo em vista que as taxas cobradas em suas operações ainda são elevadas, principalmente face aos altos percentuais de inadimplência que ocorrem no país (Preisler, 2003). No contexto desta pesquisa, o significado de qualidade do crédito está associado à redução das taxas básicas de juros praticadas, volume de garantias necessárias e o prazo de carência concedido. É de conhecimento generalizado que dispor de recursos a baixo custo é essencial para que as empresas de pequeno porte possam planejar sua atuação e estimular ações empreendedoras.

Procedimentos metodológicos

Considerando a natureza da pesquisa, esta pode ser classificada, baseando-se em Diehl e Souza (2007), como estudo descritivo e exploratório. Quanto à abordagem para a análise foi adotada a pesquisa quantitativa, através do emprego de instrumentos estatísticos. Beuren e Fiorentin (2010) destacam que o método quantitativo tem como característica fundamental o emprego de quantificação tanto na coleta de informações quanto no tratamento dessas, utilizando-se para tanto de técnicas estatísticas. Quanto aos procedimentos, classifica-se em pesquisa de campo e documental.

Na tentativa de entender se na visão dos contabilistas em relação às EPPs a aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis influenciam na qualidade da captação de crédito pelas Empresas de Pequeno Porte (EPPs), foram formuladas as seguintes hipóteses de pesquisa:

(H1) o uso estratégico das informações contábeis influencia nas taxas de créditos praticadas na concessão de crédito às empresas. Holder-Webb e Sharma (2010) observaram como decisões de crédito são afetadas pela percepção dos credores em relação à evidenciação das informações contábeis e o nível de qualidade de governança das empresas que demandam crédito. O estudo conduzido pelos autores encontrou evidências de que os credores consideram principalmente a condição financeira e a percepção sobre a confiabilidade das informações contábeis das empresas que demandam empréstimos. Anjos et al (2012) identificou em pesquisa conduzida em 34 empresas de Recife e 88 de Maceió um possível conflito de agência devido a existência de assimetrias de informação entre o que os financiadores desejam saber e o que os pequenos empreendedores informam.

(H2) os gestores com maior experiência fazem melhor uso das informações contábeis, por consequência, a aprendizagem organizacional influencia a qualidade do crédito captado. Fernandes (2010) investigou se a qualidade das informações contábeis das empresas brasileiras poderia afetar a captação de recursos no mercado bancário. Os resultados da pesquisa evidenciam que o tempo de experiência dos analistas de crédito mostra diferenças de percepções e atitudes dos analistas em relação à importância da contabilidade na análise do crédito.

Primeiramente, foi feito um levantamento informal, por meio do qual se procurou conhecer a situação das EPPs localizadas em Natal-RN. Tendo em vista que estas representam 82% das EPPs do Estado e em particular das organizações contábeis, diante de suas dificuldades e realidades, sobre quais estratégias estão sendo adotadas na captação de recursos financeiros para financiamento do capital de giro. O universo da pesquisa foi composto pelas 588 organizações contábeis registradas no Conselho Regional de Contabilidade (CRC/RN) no Estado do RN. Com relação ao processo de seleção da amostragem, esta correspondeu a 126 empresas, utilizou-se de amostra não probabilística, a escolha foi feita por conveniência e facilidade de acesso do pesquisador.

Nesta pesquisa, as variáveis analíticas foram definidas a partir da revisão da literatura. Têm-se as seguintes variáveis: Variáveis independentes - AO - Aprendizagem Organizacional e UEI - Uso estratégico da informação contábil. Variável dependente - QC - Qualidade do Crédito Captado. A fim de mensurar a influência das variáveis relacionadas à Aprendizagem Organizacional (AO) e Uso Estratégico da Informação Contábil (UEI) na Qualidade do Crédito Captado (QC) por EPP foi usado modelo de Análise de Correlação Canônica (ACC). A análise procura mediante um grande número de características originais correlacionadas, obter combinações lineares dessas características denominadas variáveis canônicas de tal forma que a correlação entre essas variáveis seja nula (Khattree; Naik, 2000).

Para efeito de análise, as variáveis analisadas foram representadas através de códigos e estes estão listadas na Tabela 01.

Código	Rótulo
Aprendizagem Organizacional (AO)	
AO1	A experiência dos gestores auxilia a capacidade de gerir os créditos captados (Preisler, 2003; Bruns; Fletcher, 2008)
AO2	O conhecimento do gestor em Gestão Financeira auxilia a captação de créditos (Bruns; Fletcher, 2008)
AO3	A conduta e a idoneidade financeira dos empresários facilitam a captação de créditos (Bruns; Fletcher, 2008; Klonowski, 2011).
AO4	O nível educacional do empresário interfere no grau de aprendizagem e capacidade de gerir os negócios (Bruns; Fletcher, 2008; Irwin; Scott, 2009).
AO5	A capacitação gerencial do empresário reflete sobre os vários aspectos da criação de uma empresa e a simulação de possíveis situações a serem vivenciadas no futuro à frente da gestão do próprio negócio (Bruns; Fletcher, 2008; Klonowski, 2011; Bruns; Fletcher, 2008; Irwin; Scott, 2009).
AO6	O conhecimento do mercado e seus respectivos riscos associados influenciam a qualidade do crédito captado e a capacidade da empresa de aprender a usar estrategicamente as informações do mercado (Caouette; Altman; Narayanan, 2000).
Uso Estratégico da Informação Contábil (UEI)	
UEI1	O desempenho da empresa em época de crescimento ou de recessão econômica pode ser um diferencial na obtenção de créditos (Bruns; Fletcher, 2008).
UEI2	A capacidade de gerar recursos para pagamento da dívida é um dos fatores considerados na captação de créditos (Bruns; Fletcher, 2008).
UEI3	Ter um bom planejamento estratégico é um diferencial competitivo (Bruns; Fletcher, 2008).
UEI4	Capacidade de geração do fluxo de caixa é um fator positivo na obtenção de crédito (Bruns; Fletcher, 2008).
UEI5	A lucratividade do negócio impacta na qualidade do crédito obtido (Klonowski, 2011).
UEI6	A empresa que tem um plano de negócios estruturado tem maior facilidade de obtenção de crédito (SEBRAE, 2007).
Qualidade do Crédito (QC)	
QC1	As taxas cobradas na captação do crédito interferem no desempenho operacional da empresa (Preisler, 2003, SEBRAE, 2007; SEBRAE, 2013).
QC2	O desenvolvimento das Pequenas Empresas

	depende do apoio ao crédito que é realizado, principalmente, através das concessões de garantias de crédito (Preisler, 2003 SEBRAE, 2007; SEBRAE, 2013).
QC3	O Prazo de Carência, ou seja, o período compreendido entre o prazo de utilização e o pagamento da primeira amortização, depende da credibilidade e do poder de negociação do empresário (SEBRAE,2007).

Tabela 01. Códigos das variáveis estudadas, segundo seus respectivos grupos de relacionamento

Fonte: Autores, 2014

O instrumento de coleta de dados considerado mais adequado foi um questionário estruturado com perguntas fechadas aplicado às empresas objeto de estudo e relatórios produzidos pelos escritórios contábeis que prestam serviços de assessoria a tais empresas. As variáveis do modelo foram operacionalizadas através de escala Likert de cinco pontos (1= Discordo Totalmente a 5 = Concordo Totalmente), tendo como padrão a seguinte questão: “Você acredita que os fatores a seguir relacionados influenciam na capacidade de obtenção de recursos e na qualidade do crédito captado pelas EPPs?”. Os 15 itens foram dispostos aleatoriamente. Os dados foram coletados com apoio do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Norte (CRC/RN), através da disponibilização do questionário em seu site, no período de 15 de setembro de 2013 a 15 de fevereiro de 2014, e envio de e-mail aos empresários da contabilidade proprietários de organizações registradas no mesmo solicitando a colaboração com a pesquisa. Realizou-se também uma pesquisa de campo, nos referidos escritórios com aplicação de questionários de perguntas fechadas. Os contabilistas que não responderam aos questionários no período citado nas convocações por e-mail foram considerados não respondentes. O questionário foi encaminhado às 588 organizações contábeis registradas no Conselho Regional de Contabilidade (CRC/RN), porém, apenas 126 retornaram.

O tratamento dos dados foi feito através de Análise de Correlação Canônica (ACC). Deu-se preferência ao uso da ACC neste trabalho, pois segundo Hair Jr. et al. (2009) este tipo de análise reflete melhor a realidade dos estudos de investigação. Foi realizada a análise de correlação canônica, considerando os dados originais observados, para verificar as associações existentes entre um primeiro grupo de características da Aprendizagem Organizacional e Uso Estratégico da Informação Contábil com um segundo grupo formado pelas características da Qualidade do Crédito (Quadro 01). O primeiro grupo representa as variáveis independentes (AO - Aprendizagem Organizacional e UEI- Uso Estratégico da Informação Contábil) e o segundo as dependentes (QC - Qualidade do Crédito). Dessa forma, foi possível determinar 3 funções canônicas ou 3 pares de variáveis canônicas. As funções canônicas relacionadas às variáveis independentes foram denominadas de U_i , para $i = 1, 2, 3$ e funções canônicas relacionadas às variáveis dependentes foram denominadas de V_i , $i = 1, 2, 3$, quando explicitadas.

A quantidade de variância explicada determinou-se elevando ao quadrado a correlação canônica (R^2 canônico). Ou seja, fornecida uma estimativa da quantidade de variância compartilhada entre as respectivas variáveis canônicas das variáveis independentes com as dependentes. Foi calculado também o índice de redundância que indica a quantidade de variância de uma variável canônica que pode ser explicada pelas outras variáveis canônicas. Esta pode ser calculada tanto para variáveis dependentes quanto independentes e para cada função canônica. Segundo Hair Jr. et al. (2009) deve-se considerar o índice de redundância para superar o viés e a incerteza inerentes ao uso de raízes canônicas (correlações canônicas ao quadrado) como uma medida de variância compartilhada. Todas as análises foram realizadas utilizando-se o software estatístico R versão 3.0.3 (R Development Core Team, 2014), pacotes CCA (González; Déjean, 2009) e yacca (Butts, 2009).

Foi calculado ainda o Alpha de Cronbach para verificar a consistência do questionário utilizado. Corriqueiramente, o valor mínimo aceitável para o alfa é 0,70; abaixo desse valor a consistência interna da escala utilizada é considerada baixa. Em contrapartida, o valor máximo esperado é 0,90; acima deste valor, pode-se considerar que há redundância ou duplicação, ou seja, vários itens estão medindo exatamente o mesmo elemento de um constructo; portanto, os itens redundantes devem ser eliminados. Usualmente, são preferidos valores de alfa entre 0,80 e 0,90 (Streiner, 2003). Note que, contudo, em

alguns cenários de investigação das ciências sociais, um α de 0.60 é considerado aceitável desde que os resultados obtidos com esse instrumento sejam interpretados com precaução e tenham em conta o contexto de computação do índice (DeVellis, 1991).

O Critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) é uma medida que indica o quanto as variáveis estão correlacionadas. Que foi proposto, inicialmente, por Kaiser (1970) e é fundamentado na inversa da matriz de correlação. Esse coeficiente varia entre 0 e 1, e quanto mais próximo de 1 indica que os dados originais são correlacionados. Segundo Kaiser e Rice (1974) os valores de KMO maiores que 0,8 são ideais e indicam uma boa correlação entre as variáveis.

A tabela 02 apresenta o KMO e o Coeficiente Alpha de Cronbach.

Grupo de variáveis	KMO	Alpha de Cronbach	Intervalo de confiança	
			Limite inferior (2,5%)	Limite superior (97,5%)
Geral	0,6847	0,6615	0,5067	0,7502
AO	0,5515	0,6974	0,0428	0,6684
UEI	0,5755	0,5251	0,3276	0,6456
QC	0,6272	0,5891	0,3987	0,7128

Tabela 02. Apresenta o KMO e Coeficiente Alpha de Cronbach

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Vale salientar que, o intervalo *bootstrap* de 95% confiança para o caso geral em estudo (AO, UEI e QC) obteve o valor 0,70, o que daria algum indício de aceitabilidade dos resultados. Veja que os resultados aqui apresentados corroboram com os já mencionados em análises anteriores, pois como pode ser visto, os resultados relacionados a grupo de variáveis AO segundo esse critério seriam os menos aceitáveis. Observe também, que o intervalo associado ao grupo QC contém o valor 0,7, dando indícios que os resultados relacionados com estas variáveis são de melhor qualidade. Para os dados, quando considerado o caso geral, o KMO foi de 0,68, indicando pouca correlação existente entre as variáveis. Este resultado apresenta baixo grau de explicação e correlação. Considerando os demais grupos de forma individual o KMO é relativamente baixo, ou seja, as variáveis são pouco correlacionadas.

Análise de Resultados

Antes de prosseguir com as análises deve-se deixar claro que os grupos de variáveis não são provenientes de distribuições normais multivariadas (p-valor <0,05 para o teste generalizado de Shapiro-Wilk). Desta forma, tem-se que ser cauteloso com os testes de significância das correlações canônicas, pois estes dependem de tal pressuposto.

Na Tabela 03 encontram-se as correlações canônicas obtidas, o R^2 canônico e o resultado do teste de significância realizado. Pode-se observar que, apenas a primeira correlação canônica foi significativa (valor-p <0,05), mas para efeito de análise todas as variáveis canônicas foram consideradas. Observando o R^2 canônico, tem-se o total de variância compartilhada de AO e UEI com QC em relação cada função canônica obtida, que neste caso são 3, pois o número de funções é determinado pelo mínimo entre o número de variáveis independentes (12) e o número de variáveis dependentes (3). Note que a quantidade de variância explicada entre as variáveis canônicas dependentes e independentes não foram expressivas para funções 2 e 3, mas de forma geral todas tiveram baixa explicação.

Função canônica	Correlação canônica	R^2 canônico	Estatística F	GL*		valor-p
				GL _N	GL _D	
1	0,575	0,331	2,179	36	329	<0,001
2	0,349	0,122	1,245	22	224	0,212
3	0,310	0,096	1,198	10	113	0,200

*GL: grau de liberdade; GL_N: grau de liberdade do numerador; GL_D: grau de liberdade do denominador.

Tabela 03. Resultado dos testes para verificar a significância das correlações canônicas (aproximação da F de Rao's).

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Para mensurar o quanto das variações da qualidade do crédito é explicado pela aprendizagem organizacional e uso estratégico da informação, conjuntamente foi obtido o índice de redundância das variáveis dependentes (QC), em que este representa o quanto da variância destas pode ser explicado pelas variáveis independentes (AO e UEI), similar ao R^2 na regressão linear múltipla. Para estes dados foi obtido índice de 20%, ou seja, apenas 20% das variações ocorridas na qualidade do crédito podem ser explicadas pela aprendizagem organizacional e uso estratégico da informação contábil.

Em seguida foram interpretados os três pares de variáveis canônicas obtidas. Há 3 variáveis canônicas relacionadas às variáveis AO e UEI e outras três relacionadas à QC. Uma vez interpretadas as variáveis canônicas, deve-se ter atenção ao sinal dos coeficientes, pois estes indicam a direção da interpretação, ou seja, este indicará o que significa obter um escore negativo ou positivo e em que isso implica.

Para variável canônica capacitação gerencial tem-se que valores de escores no sentido negativo indicam que a capacitação gerencial impacta na qualidade do crédito obtido. Os escores da variável canônica prática financeira tem interpretação similar ao escore de capacitação gerencial, ou seja, quanto mais negativo este for indica aqueles profissionais da contabilidade que acreditam ter muita prática em análise financeira. No caso da variável canônica visão estratégica, escores no sentido positivo indicam que estes profissionais da contabilidade acreditam ter alta visão estratégica para os negócios, e quanto mais positiva for implica maior intensidade dessa característica.

Para QC1 quanto mais negativo forem os escores mais os profissionais acreditam que taxas cobradas na captação do crédito interferem no desempenho operacional da empresa, ou seja, estes acreditam que taxas menores melhoram a qualidade do crédito. Logo, os escores no sentido negativo indicam taxas de crédito baixa na aquisição do crédito. Para variável canônica QC2 os escores no sentido positivo indicam alta dependência do apoio ao crédito que é realizado, principalmente, através das concessões de garantias de crédito. Já para QC3 escores no sentido negativo indicam que o período compreendido entre o prazo de utilização e o pagamento da primeira amortização, depende da credibilidade e do poder de negociação do empresário. Tendo em vista estes aspectos, pode-se partir para as interpretações das figuras que seguem.

Na Figura 01 pode-se observar que as taxas praticadas possuem relação linear moderada com a capacitação gerencial ($\beta = 0.58$). Ou seja, quanto maior QC1, maior são as taxas cobradas e menor é a qualidade do crédito. Contemplando o entendimento de Bruns e Fletcher (2008) de que o conhecimento em gestão financeira por parte do gestor auxilia o processo de captação de créditos.

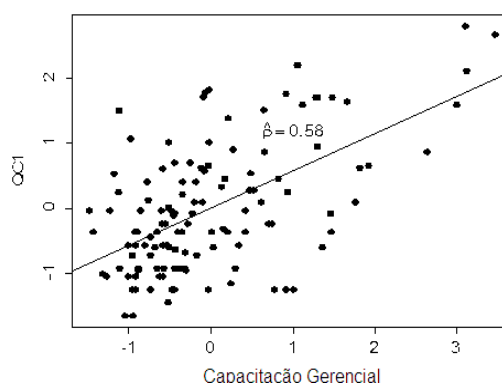


Figura 1. Gráfico de dispersão dos escores Capacitação Gerencial versus escores de QC1 e curva média estimada por regressão linear simples

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Na Figura 02 percebe-se que a prática financeira possui relação linear relativamente baixa com a dependência de apoio ao crédito ($\beta = 0.35$). Note que graficamente não se tem uma relação tão evidente. Veja também que, esse sentido positivo da correlação possivelmente está sendo influenciada por algumas

observações/escores atípicos, pois uma nuvem de pontos formada no gráfico parece dar indícios de correlação no sentido negativo, o que está mais coerente com a interpretação já supracitada.

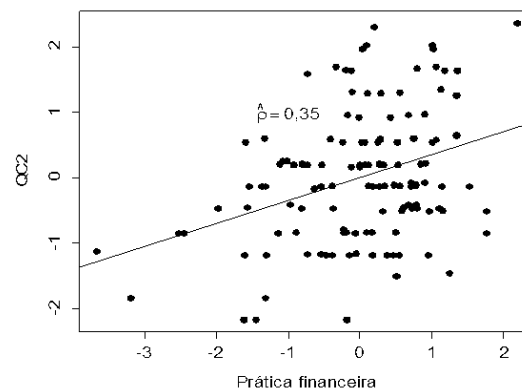


Figura 2. Gráfico de dispersão dos escores de prática financeira versus escores de QC2 e curva média estimada por regressão linear simples

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Na Figura 03 observa-se que a visão estratégica possui relação linear relativamente baixa com a credibilidade e do poder de negociação do empresário ($\hat{\rho} = 0,31$). É possível notar na variável canônica, que graficamente não se tem uma relação tão evidente. Veja também que, esse sentido positivo da correlação pode estar sendo influenciado por algumas observações/escores atípicos, pois uma nuvem de pontos formada no gráfico parece dar indícios de correlação no sentido negativo, o que está mais coerente com a interpretação já supracitada. Note que este resultado é similar ao apresentado anteriormente na Figura 02. Percebe-se, neste sentido, o conhecimento do mercado e seus respectivos riscos associados influenciam a qualidade do crédito captado e a capacidade da empresa de aprender a usar estrategicamente as informações do mercado.

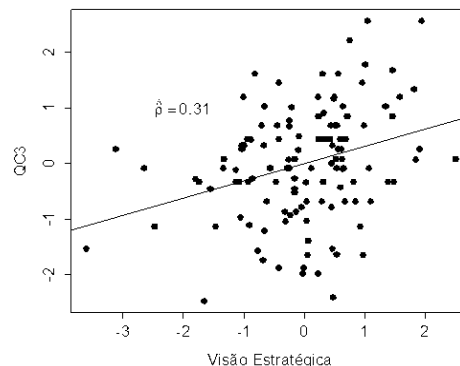


Figura 3. Gráfico de dispersão dos escores de visão estratégica versus escores de QC3 e curva média estimada por regressão linear simples

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Considerou-se ainda no presente estudo outra abordagem, em que foi investigada individualmente a influência de cada grupo de variáveis independentes (AO e UEI) no QC (dependentes). Nesta, apenas o par de escores associados à primeira função canônica foi objeto de estudo dado que as demais correlações não foram significativas (valor- $p < 0,05$). Note que, destas ACC foram gerados um escore relacionado AO, um escore relacionado à UEI e outros dois escores relacionados à QC, uma vez que, foram realizadas duas ACC.

Estes escores obtidos das variáveis canônicas dadas em (a) e (c) foram interpretados com sendo, respectivamente, um Índice Geral da Aprendizagem Organizacional (IGAO) e um Índice Geral do Uso

Estratégico da Informação (IGUEI). Os outros dois escores relacionados às variáveis dependentes, dadas pelas variáveis canônicas (b) e (d) foram interpretados como sendo um Índice Geral da Qualidade do Crédito (IGQC).

Como se tinha dois índices para cada ACC estes foram denominados de IGQC1 e IGQC2. Os resultados apresentados a seguir resumem esta estratégia de análise.

CC: AO

$$U_1 = -0,009 \cdot AO1 - 0,355 \cdot AO2 - 0,256 \cdot AO3 - 0,472 \cdot AO4 - 0,682 \cdot AO5 - 0,281 \cdot AO6 \text{ (a)}$$

$$U_1 = -0,728 \cdot QC1 + 0,387 \cdot QC2 - 0,283 \cdot QC3 \text{ (b)}$$

É possível notar na variável canônica dada por (a) que os sinais e magnitude dos valores dos coeficientes, indicam que quanto menor o escore maior é o IGAO. Já na variável dada por (b) tem o comportamento similar, mas os valores altos de QC2 podem influenciar os escores obtidos. Ou seja, quanto menor escore maior é o IGQC1, mais aumentos em QC2 podem reduzir este índice. A Figura 04 apresenta o gráfico de dispersão dos IGAO versus o IGQC1, nota-se nesse gráfico que existe evidência de uma relação linear positiva $r = 0,525$ (correlação canônica) e estatisticamente significativa ao nível de 5% (valor-p < 0,05) como apresentado na Tabela 04. Elevando r^2 obtêm-se o R^2 canônico que representa o total de variância compartilhada entre IGAO e IGQC1 que foi de 27,56%. Foi calculado também o índice de redundância, o qual indica a quantidade de variância de uma variável canônica que pode ser explicada pelas outras variáveis canônicas.

O índice de redundância das variáveis dependentes representa o quanto da variância destas pode ser explicado pelas variáveis independentes, similar ao R^2 na regressão linear múltipla. Para este caso 11,52% das variações ocorridas em QC é explicado por AO, relativamente baixo. Talvez esse resultado se explique em função de grande parte das EPP buscarem como fonte e financiamento as instituições financeiras. Porém estudo realizado por Mason e Harrison (2004) revelou que os investidores de capital de riscos utilizam-se tanto das informações geradas pela Contabilidade quanto da análise da capacitação gerencial e credibilidade pessoal dos empresários.

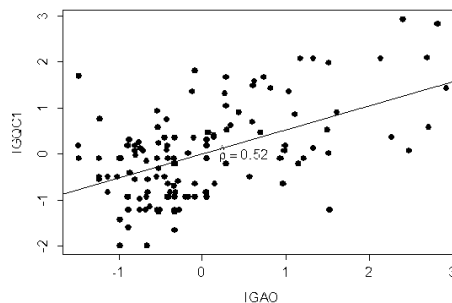


Figura 4. Gráfico de dispersão dos IGAO versus o IGQC1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Função canônica	Correlação canônica	R^2 canônico	Estatística F	GL*		valor-p
				GL _N	GL _D	
1	0,525	0,275625	2,919	18	331	<0,0001
2	0,275	0,075625	1,136	10	236	0,336
3	0,125	0,015625	0,468	4	119	0,759

*GL: grau de liberdade; GL_N: grau de liberdade do numerador; GL_D: grau de liberdade do denominador.

Tabela 04. Resultado dos testes para verificar a significância das correlações canônicas (aproximação da F de Rao's).

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

É possível notar na variável canônica dada por (c) que os sinais e magnitude dos valores dos coeficientes indicam que quanto menor o escore maior é o IGUEI. Contudo a variável UEI3 contribui para o escore no sentido positivo, ou seja, fazendo que esse seja mesmo negativo e diminua o IGUEI. Já na variável dada por (d) tem-se o comportamento similar, quanto menor escore maior é o IGQC2, ou seja, quanto menor o escore maior qualidade do crédito.

ACC: UEI

$$U_1 = -0,374 \cdot UEI1 - 0,260 \cdot UEI2 + 0,349 \cdot UEI3 - 0,369 \cdot UEI4 - 0,375 \cdot UEI5 - 0,298 \cdot UEI6 \quad (c)$$

$$U_2 = -0,540 \cdot QC1 - 0,086 \cdot QC2 - 0,399 \cdot QC3 \quad (d)$$

A Figura 05 apresenta o gráfico de dispersão dos IGUEI versus o IGQC2:

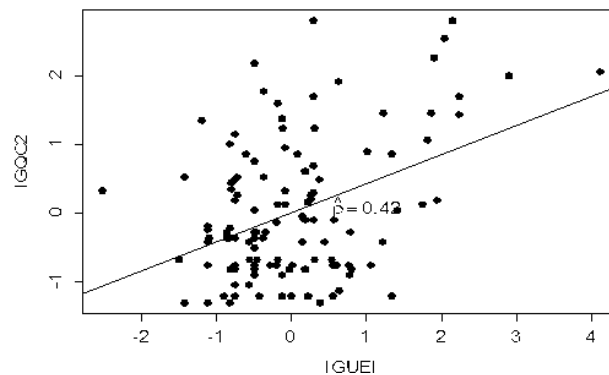


Figura 5. Gráfico de dispersão dos IGAO versus o IGQC2.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Nota-se nesse gráfico que existe evidência de uma relação linear positiva $\hat{\rho} = 0,425$ (correlação canônica) e estatisticamente significativa ao nível de 5% (valor-p < 0,05) como apresentado na Tabela 05, a seguir:

Função canônica	Correlação canônica	R ² canônico	Estatística F	GL*		valor-p
				GL _N	GL _D	
1	0,425	0,181	1,768	18	331	0,028
2	0,215	0,046	0,726	10	236	0,700
3	0,115	0,013	0,396	4	119	0,811

*GL: grau de liberdade; GL_N: grau de liberdade do numerador; GL_D: grau de liberdade do

Tabela 05. Resultado dos testes para verificar a significância das correlações canônicas (aproximação da F de Rao's).

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014

Elevando R^2 obtêm-se o R^2 canônico que representa o total de variância compartilhada entre

IGAO e IGQC que foi de 18,06%. Os dados da pesquisa confirmaram o entendimento de Caneca (2009, p. 3) no qual o autor aponta, baseado em pesquisa empírica, que as organizações ainda não se beneficiam dos possíveis resultados decorrentes da qualidade da informação contábil, posto que: “Os controles mais oferecidos pelos contadores às empresas entrevistadas foram os cálculos de impostos e de folhas de pagamento, enquanto os menos oferecidos foram os de controle financeiro e de estoques”.

Coerente com o entendimento de Silva Brito e Martins (2013), que acreditam que devido ao ambiente institucional brasileiro, no qual as decisões são fortemente influenciadas pela legislação tributária, as demonstrações contábeis não contêm atributos qualitativos que auxiliem na captação de recursos. Contrariando inclusive a pesquisa empírica realizada pela *Credit Research Foundation*, onde se constatou que, para 45% dos analistas de crédito respondentes daquela pesquisa, que as demonstrações contábeis do cliente consistiam na principal fonte de informação para decisões de crédito (GAMBLE, 2002).

Como já foi supracitado, o índice de redundância das variáveis dependentes representa o quanto da variância destas pode ser explicado pelas variáveis independentes, similar ao R^2 na regressão linear múltipla. Para este caso 10,70% das variações ocorridas em QC é explicado por UEI, relativamente baixo e menor que a explicação do AO. Os resultados são coerentes com o estudo de Sthoerer e Freitas (2008) no qual os autores atribuem o baixo uso estratégico da informação contábil em parte ao fato de os próprios contadores desconhecerem qual a necessidade de informação por parte de seus clientes o que de certa forma possivelmente gera desinteresse dos pequenos empresários em fazerem uso estratégico das informações contábeis.

Conclui-se na pesquisa que quanto mais positivo IGAO e IGUEI menor será a qualidade do crédito. Observa-se que o uso estratégico da informação contábil tem uma correlação menor, portanto, influencia na qualidade do crédito menos que a aprendizagem organizacional. Os resultados são condizentes com a pesquisa de Lucato e Vieira Jr (2004) em que os autores chegam à conclusão que as práticas gerenciais inadequadas desenvolvidas pelos proprietários gestores e em decorrência o seu despreparo na condução dos aspectos gerenciais do empreendimento os impediria de atender aos pré-requisitos das instituições financeiras dificultando o acesso das EPP às linhas de crédito de longo prazo disponíveis no mercado. Também corroboram a linha de entendimento de Silva Brito e Martins (2013) de que os pequenos empresários fazem pouco uso da informação contábil.

Acredita-se, entretanto, que na medida em que for reconhecido o papel da contabilidade ao comunicar eventos que afetam o patrimônio das empresas, espera-se que tais informações consigam estabelecer uma comunicação eficaz entre a empresa e os agentes financeiros com os quais ela interage e que isso fazer com que estes se apoiem na evidenciação contábil na tomada de decisões de crédito (Dias Filho, Nakagava, 2001). Ambas as hipóteses da pesquisa foram, portanto confirmadas, (H1) o uso estratégico das informações contábeis influenciam nas taxas de créditos praticadas na concessão de crédito às empresas, apesar do baixo poder explicativo existe uma evidência demonstrada nos gráficos que o uso estratégico das informações contábeis influencia a qualidade do crédito captado. De forma similar, verificou-se que gestores com maior experiência fazem melhor uso das informações contábeis, por consequência, a aprendizagem organizacional influenciava a qualidade do crédito captado, confirmando, portanto a hipótese (H2) tendo em vista que se observando a variável canônica capacitação gerencial, verifica-se que esta impacta na qualidade dos créditos obtidos.

3 Considerações Finais

Esta pesquisa buscou observar se a aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis interferiam na qualidade do crédito captado pelas empresas. Os objetivos inicialmente traçados foram atingidos, posto que os dados empíricos da pesquisa apresentaram a percepção dos profissionais da Contabilidade do Rio Grande do Norte quanto ao entendimento se a aprendizagem organizacional e o uso estratégico das informações contábeis influenciavam na qualidade da captação do crédito pelas EPPs.

Para tanto utilizou o método de Análise de Correlação Canônica (ACC). De acordo com o teste de significância das relações canônicas (índice de redundância), apenas 20% das variações ocorridas na qualidade do crédito podem ser explicadas pela aprendizagem organizacional e uso estratégico da

informação contábil. Evidenciou-se que o uso estratégico da informação contábil influencia na qualidade do crédito, confirmando, portanto, a primeira hipótese de que o uso estratégico das informações contábeis influencia nas taxas de créditos praticadas na concessão de crédito às empresas, apesar do baixo poder explicativo existe uma evidência demonstrada no estudo que o uso estratégico das informações contábeis influencia a qualidade do crédito captado.

Explicado pelo entendimento de Silva Brito e Martins (2013), que devido ao ambiente institucional brasileiro, as demonstrações contábeis não contêm atributos qualitativos suficientes para o seu emprego como estratégia na captação de recursos. A hipótese (H2) de que gestores com maior experiência fazem melhor uso das informações contábeis, por consequência, a aprendizagem organizacional influenciava a qualidade do crédito captado também foi confirmada, tendo em vista que observando-se a variável canônica capacitação gerencial, verifica-se que esta impacta na qualidade do crédito obtidos.

Apesar de os dados empíricos demonstrarem que a prática financeira (experiência) dos gestores e a visão estratégica possuem relação linear relativamente baixa com a dependência de apoio ao crédito ($\beta = 0,35$), posto que apenas 11,52% das variações ocorridas na Qualidade do Crédito (QC) são

explicadas por aprendizagem organizacional, o que sinaliza um índice reativamente baixo e as variações ocorridas em QC explicadas por UEI, apenas 10,7% são explicadas, relativamente baixo e ainda menor que a explicação do AO, corroborando o estudo de Fernandes (2010). Em geral o método empregado na pesquisa mostrou-se adequado ao seu desenvolvimento e permitiu a análise e interpretação dos resultados e consequente alcance dos objetivos propostos.

Os resultados obtidos são encorajadores para continuidade da pesquisa no sentido de aplicá-la em outras amostras contemplando empresários e analistas de crédito. Os achados da pesquisa são de extrema relevância para as organizações contábeis, em diferentes estados brasileiros, à medida que aumenta a percepção da necessidade de produzir informações destinadas à captação de crédito para empresas de pequeno porte. A principal contribuição desta pesquisa é o exame da relação entre a aprendizagem organizacional, o uso estratégico da informação contábil e a qualidade do crédito captado por pequenas e médias empresas, tema pouco explorado no mundo acadêmico.

Há poucas pesquisas empíricas investigando o assunto no Brasil. Este estudo ao demonstrar estatisticamente a influência da aprendizagem organizacional e do uso estratégico das informações contábeis na qualidade do crédito captado por EPP revela aos profissionais da contabilidade a necessidade de manterem-se permanentemente alinhados às necessidades de seu mercado consumidor para que produzam relatórios financeiros aderentes às necessidades informacionais por parte dos seus variados usuários e com os atributos qualitativos desejáveis. Recomenda-se para estudos futuros a identificação das razões que levam as pequenas empresas a não aplicarem plenamente os instrumentos contábeis ao seu dispor e adicionalmente buscar compreender os motivos que levam os contadores a não exercerem a potencialidade de suas funções quanto ao aspecto de fornecer relatórios contábeis dotados de atributos qualitativos que os tornem realmente úteis e necessários à tomada de decisões estratégicas em consonância com o que preceitua o normativo profissional da categoria. Recomenda-se ainda aos contadores que procurem estudar mais acerca das necessidades informacionais de seus clientes e que busquem um mecanismo de comunicação permanente com estes, em particular, municiando-os de informações que os auxiliem no acesso as linhas de crédito e que permitam negociar taxas e prazos mais atrativos.

Acknowledgments

"This work has been supported by FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia in the scope of the project: PEst-OE/EEI/UIO319/2014."

REFERÊNCIAS

Abbad, G. S., Corrêa, V. P., Meneses, P. P. M. 2010. Avaliação de treinamentos a distância: Relações entre estratégias de aprendizagem e satisfação com o treinamento. RAM, Revista de Administração Mackenzie, v.11, n.2, p. 43-67.

- Allee, K. D., Yohn, T. L. 2009. The demand for financial statement in an unregulated environment: an examination of the production and use of financial statements by privately held small businesses. *The Accounting Review*, v. 84, n. 1, p.1-25.
- Anjos, L. C.M., Miranda, L.C. Silva, D.J.C. Freitas, A. 2012. Uso da contabilidade para obtenção de financiamento pelas micro e Pequenas empresas: um estudo a partir da percepção dos gestores. *Revista Universo Contábil*, FURB, Blumenau, v. 8, n. 1, p. 86-104, jan./mar.
- Antonello, C. S., Godoy, A. S. 2010. A encruzilhada da aprendizagem organizacional: Uma visão multiparadigmática. *Revista de Administração Contemporânea*, v.14, p.310-332.
- Barcelos, L.C. 2002. Determinantes do acesso ao crédito empresarial no Brasil: teoria e evidências empíricas. 84p. Dissertação (Mestrado em Economia) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FEA, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo.
- Beuren, I.M.; Fiorentin, M. 2010. Influência de fatores contingenciais nos atributos do sistema de contabilidade gerencial: um estudo das empresas têxteis do Rio Grande do Sul. Chie. Semead: Seminários em Administração, Santa Catarina, 1-16, set.
- Bruns, V. Fletcher, M. 2008. Banks' risk assessment of Swedish SMEs, *Venture Capital: An International Journal of Entrepreneurial Finance*, Vol. 10 No. 2, p. 171-94.
- Burgstahler, D., Hail, L. Leuz, C. 2006. The importance of reporting incentives: earnings management in European private and public firms, *The Accounting Review*, v.81, n. 5, pp. 983–1016.
- Breen, J.; Sciulli, N.; Calvert, C. 2003. The role of the external accountant in small firms. In: Annual Conference of Small Enterprise Association of Australia and New Zealand, 16., 28 Sept.-1 Oct, Victoria. Proceedings. Victoria, Australia: University of Ballarat 2003. Disponível em: www.cric.com.au/seanz . Acesso em: 01 jun. 2014
- Bushman, R.M. Smith, A.J. 2001. Financial accounting information and corporate governance. *Journal of Accounting and Economics*. v. 32, p. 237–333.
- Butts, C. T. 2012. yacca: Yet Another Canonical Correlation Analysis Package. R package version, 2012.
- Caneca, R. L. Oferta e procura de serviços contábeis para micro, pequenas e médias empresas: um estudo perceptivo das percepções dos empresários e contadores. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa Multi-institucional e InterRegional de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da UnB/UFPE/UFPB/UFRN, Brasília, 2008.
- Caouette, J. B.; Altman, E. I.; Narayanan, P. 2010. Gestão do risco de crédito: o próximo grande desafio financeiro. Trad. de Allan Hasting; técnica de João Carlos Douat. São Paulo: Qualitymark, 2000.
- Chen, H., Tang, Q., Jiang, Y. Lin, Z. The role of International Financial Reporting Standards in accounting quality: Evidence from the European Union, *Journal of International Financial Management and Accounting*, v.21, n.3, p. 220-278.
- Choi, F.D.; Meek, F. 2010. *International Accounting*, Hardcover, Seventh Edition. New Jersey: Prentice Hall.
- Costa, D.F.; Yoshitake, M. 2004. O controle e a informação contábil nas pequenas empresas. In: Congresso Brasileiro de Contabilidade, 2004, Santos. Resumos... Brasília: Conselho Federal de Contabilidade, 160p
- DeVellis, R. F. 1991. Scale development: Theory and applications. Newbury Park, CA: SAGE Publications.
- Diehl, C. A.; Souza, M. A. 2007. Formação, certificação e educação continuada: um estudo exploratório do profissional contábil sob a óptica das empresas Head Hunters. Base - Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos, São Leopoldo, v. 21, n.2, p. 233-248, dez.
- Dias Filho, J. M.; Nakagawa, M. 2001. Análise do processo da comunicação contábil: uma contribuição para a solução de problemas semânticos, utilizando conceitos da teoria da comunicação. *Revista Contabilidade & Finanças*, v.15, n.26, p. 42-57.
- Fernandes, E. N.L. 2010. O impacto da informação contábil de empresas fechadas na percepção de risco dos analistas de crédito. 111 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis)) Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade – FEA , Universidade de São Paulo, 2010.
- Galloro, L. R. S.; Galloro, V. D. 2000. Controle interno e contabilidade como elemento de controle. In: Silva Junior, José Barbosa (Org.). *Controles internos contábeis e alguns aspectos de auditoria*. São Paulo: Atlas.
- Gamble, Richard H. 2002. Map of Minefield. *Business Credit*. July/August.
- Garvin, D. 1993. Bulding a Learning Organization. *Harvard Business Review*. Jul 01.
- Gibb, A. A. 1997. Small firms and competitiveness: building upon the small business as a learning organisation. *International Small Business Journal*, ap/jun, p. 13-29
- Giroux, G. 2004. *Detecting earnings management*, Wiley, United States.

- Gonzalez, I.; Dejean, S. 2012. CCA: Canonical correlation analysis. R package version.
- Hair Junior, J.F.; Black, W.C.; Babin, B.J.; Anderson, R.E.; Tatham, R.L. 2009. *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman, 688p.
- Holder-Webb, L; Sharma, D.S. 2010. The Effect of Governance on Credit Decisions and Perceptions of Reporting Reliability. *Behavioral Research in Accounting*, v.22, p. 1-20.
- Hughes, A. 2009. Hunting the shark: some reflections on the UK experience of support for the small business sector, *Innovation: Management, Policy and Practice*, Vol. 11 No. 2, p. 114-26.
- Khattree, R.; Naik, D.N. 2000. *Multivariate data reduction and discrimination with SAS software*. New York: BBU Press and John Wiley Sons Inc.
- Klonowski, D. 2012. Liquidity gaps in financing the SME sector in an emerging market: evidence from Poland. *International Journal of Emerging Markets*. Vol. 7 No. 3, p. 335-355.
- Ji, C. 2009. Chinese Informal Financial Systems and Economic Growth. *Public Policy Review*. Japan: Policy Research Institute. p. 63-88.
- Lucato, W. C.; Vieira Junior, M. 2006. As dificuldades de capitalização das pequenas e médias empresas brasileiras. *Prod. São Paulo*, v. 16, n. 1, Apr.
- Malhotra, M. 2004. Business angel networks and the development of informal venture capital market in the UK: is there still a role for public policy?, *Small Business Economics*, Vol. 9, pp. 111-23.
- Mason, M. Kwok, J. 2010. Investment readiness programmes and access to finance: a critical review of design issues, *Local Economy*, Vol. 25 No. 4, pp. 269-92, 2010.
- Mininni-Medina, N.; Luzzi, D.; Luswarghi, A. 2014. A educação a distância no contexto Iberoamericano. 3p. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2000/texto02.htm>>. Acesso em: 19/05/2014.
- Mingoti, S. A. 2005. *Análise de dados através de métodos de estatística multivariada: uma abordagem aplicada*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 295p. (Didática, 8)
- Niyama, J. K.; Silva, C. A. T. 2009. *Teoria da contabilidade*. São Paulo: Atlas.
- North, D., Baldock, R. Ekanem, I. 2010. Is there a debt finance gap relating to Scottish SMEs? A demand-side perspective”, *Venture Capital: An International Journal of Entrepreneurial Finance*, Vol. 12 No. 3, p.173-92.
- Ohachosim, C. I. 2009. *Financial Challenges of SMEs in Nigeria: Emerging Tasks for the Accountant*, M.Sc. Thesis, Department of Accountancy, University of Nigeria, Enugu Campus.
- Preisler, A. M. 2003. *Análise de risco e crédito para micro e pequenas empresas – uma proposta orientativa*. 191 f. Mestrado (Mestre) - Curso de Programa de Pós graduação em Engenharia de Produção, Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- Pronunciamento Conceitual Básico (R1) – NBCTG Estrutura Conceitual – Resolução CFC n. 1374/2011. Eliberação CVM n. 675/2011. Disponível em: http://static.cpc.mediagroup.com.br/Documentos/147_CPCoo_R1.pdf Acesso em 14jun2014.
- R Core Development Team. 2014. *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.
- Reis, G. G., Nakata, L. E., Dutra, J. S. 2010. Aprendizagem transformativa e mudança comportamental a partir de dilemas desorientadores na carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v.11, nº2, 243-255.
- Riscarolli, V. 2007. *Estratégias de captação de recursos aplicáveis à realidade das faculdades de administração de instituições de ensino superior brasileiras*. 2007. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Schrickel, W. K. 2000. *Análise de Crédito: concessão e gerência de empréstimos*. São Paulo: Atlas.
- Schmitt Jr, D. 2002. *Financiamento das pequenas e médias empresas: aspectos do processo decisório e instrumento de capital de risco*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós Graduação em Administração), UFRGS. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3218/000334165.pdf?sequence=1>>, Acesso em: 20.abr.2013.
- Scorsolini-Comin, F., Inocente, D. F., Miura, I. K. 2011. Aprendizagem organizacional e gestão do conhecimento. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. jul.-dez, Vol. 12, No. 2, p.227-239.
- Scott, J. M.; Irwin, D. 2007. How SME owners' characteristics influence external advice and access to finance, *Institute of small business and entrepreneurship conference (ISBE)*, Glasgow, November.

- Scott, J. M.; Irwin, D. 2009. Discouraged advisees? The influence of gender, ethnicity, and education in the use of advice and finance by UK SMEs, *Environment and Planning C: Government and Policy*, v. 27, n.2, p. 230-245, jan.
- Sebrae. 2007. Como buscar financiamento: setor comercial. Recife.
- Sebrae. 2013. 10 respostas sobre crédito para micro e pequenas empresas. Salvador.
- Sebrae. 2011. As pequenas empresas do simples nacional.
- Silva Brito, G. A.; Martins, E. 2013. Conservadorismo contábil e o custo do crédito bancário no Brasil, *BBR - Brazilian Business Review*, vol. 10, n. 1, p. 27-48, jan-mar.
- Simpi. 2014. Indicador de atividade da micro e pequena indústria de São Paulo, maio. Disponível em: <http://www.simpi.org.br/arquivos/indicador_mai_2014.pdf> Acesso em: 18 mai 2014.
- Stroeher, A.M.; Freitas, H. 2008. O uso das informações contábeis na tomada de decisão em pequenas empresas. *R.Adm. Eletrônica*, São Paulo, v.1, n.1, art.7, jan./jun.
- Xu, B.; Li, K.; Liu, K. 2009. Empirical study on interaction between disclosure quality of accounting information and corporate governance efficiency. *International Conference on Management and Service Science, MASS 2009*. Wuhan/Beijing: IEEE. p. 1-5.